



**DESPORTO E *POIESIS***

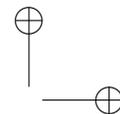


José Antunes de Sousa

2013

[www.lusosofia.net](http://www.lusosofia.net)





LUSOSofia:PRESS

Covilhã, 2013

FICHA TÉCNICA

Título: *Desporto e poiesis*

Autor: José Antunes de Sousa

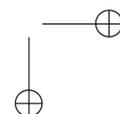
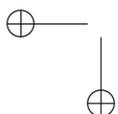
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

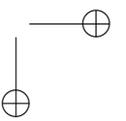
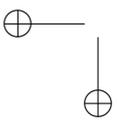
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

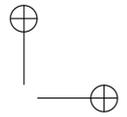
Composição & Paginação: Filomena S. Matos

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2013







# **Desporto e *poiesis* \***

**José Antunes de Sousa**

## **Índice**

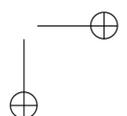
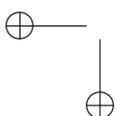
O jogo: uma constante antropológica	3
O paradigma da gratuidade: o reino da criança	7
O Desporto no feminino	11
Um caso de transgressão e paixão: o futebol!	14
O Futebol latino	18
Bibliografia	21

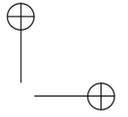
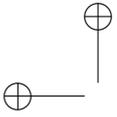
## **O jogo: uma constante antropológica**

A questão axial que se levanta quando nos propomos falar acerca de uma actividade tão presente nas sociedades humanas como é o jogo, jogo que, por via do seu enquadramento normativo e institucional, vira desporto (esporte, no Brasil), a questão, dizia, que surge, inevitável, é esta: tratar-se-á de uma mera expressão cultural para cujo início nos permitamos buscar uma data – e, nesse

---

\*in: Angelo Luís de Souza Vargas (Org.), *Direito no desporto: culturas e contradições*, Editora Letra Capital, Rio de Janeiro, 2013, pp.63-74 (ISBN 978-85-7785-210-9).





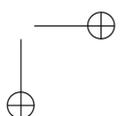
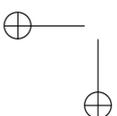
caso, o jogo seria um fenómeno com a sua história, com a sua diacronia – ou, pelo contrário, estamos a falar de algo coextensivo da própria experiência humana, pessoal e colectiva? Será o jogo um adereço culturalmente induzido e eventualmente mimetizado a partir de um episódio expressivo originário, temporal e geograficamente situado, ou será, antes, algo de inelutavelmente ínsito e inerente à própria condição *poiética* do homem? Isto é, donde lhe virá ao homem esta obsessão pela brincadeira, pelo jogo: do corpo ou da alma? Certamente do todo que ele realmente é!

De um modo ainda mais radical: será o jogo do domínio do fazer ou do domínio do ser? Será o jogo pura função, que se esgota no arsenal gestual da pura reacção às coisas que como objectos se nos perfilam, ou, o jogo será, antes, o impulso rítmico, ritualizado e erótico do coração humano, enquanto real sede da vida intelectual (essa aptidão para captar as coisas pelo lado de dentro), visando a descoberta do mundo?

E o que nos diz a observação dos factos? Que o jogo, a brincadeira é isso mesmo – um *factum* transcultural, ou seja, transversal a todas as culturas, como identificou Kolberg: não há registo de civilizações, mesmo entre as desaparecidas, onde o jogo não tivesse uma presença socialmente relevante. O jogo é o exercício lúdico através do qual se forjam e tonificam todas as culturas, como bem assinalou Johan Huizinga.

Quiçá faça sentido invocar aqui o teor catártico do jogo, na senda do conceito aristotélico. Sim, que a incorporação imaginária e mimética da acção que na representação se replica e dramatiza tem o efeito de induzir os assistentes a um estado, quase hipnótico, de superação, de autodivinização. E, neste particular, vem também a propósito realçar, juntamente com Huizinga, o papel indutor da música e da dança, enquanto representação dos mitos criadores.

Mas esta constância antropológica do desporto, enquanto expressão normativizada e institucionalizada do jogo e da diversão, sendo, em si mesma, eloquentemente reveladora da radicalidade



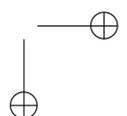
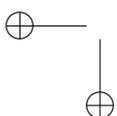


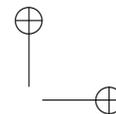
humana do acto de jogar, não contém, porém, o exclusivo da alusão ao seu real alcance ontológico. Sim, porque sempre se poderia alegar que o desporto resulta exclusivamente da condição *eudaimónica* do ser humano que se entretém na busca de ser feliz e viver, por isso, no melhor dos mundos e procurar o lado mais agradável das coisas, afeiçoando-as à sua intenção criativa – o que, sendo verdade, não o é toda, porém.

A verdade é que também os animais se recreiam (e se recreiam!) constantemente nesse acto de recreio – e até as próprias plantas parecem comprazer-se e divertir-se naquele seu grácil e florido agitar sob o afago de uma doce brisa, ou parecem tomar um imprevisto vigor ao som de uma música de embalar!

E eis-nos chegados ao ponto essencial: o jogo é expressão universal do reino da criação – é primícia do reino do ser! A própria vida se faz e refaz a cada instante nesse jogo quântico da disponibilidade para, do pôr-se a jeito de, do permitir que o novo surja – toda a natureza se entretém incansavelmente (como o garoto ou o cachorro que se não cansam nunca com as suas intermináveis tropelias!) no jogo de vaivém entre algo que se destrói e morre e algo que emerge – o jogo: esse acicate, esse catalisador mágico da novidade, da surpresa, do júbilo!

A espontaneidade do brincar em todo o reino das criaturas diz bem do quanto isso é expressão do ser de cada uma delas. Neste sentido, o jogo é denunciador de um excesso, de algo de esdrúxulo, de algo que sobra da azáfama imediatista e rasa da pura sobrevivência – como se sobrasse sempre tempo para nada fazer... e, nesse nada, é como se tudo, afinal, se fizesse! O jogo constitui-se, de certo modo, nesse hiato furtivo e fruitivo, nesse intervalo criativo entre a tensão pelo ter e a doce atenção ao ser – o jogo é, enfim, o modo como se exhibe cada ser na escala dinâmica da expressividade ontológica do universo, como tão eloquentemente sugere São Boaventura – o modo como cada ser, através da sua particularidade





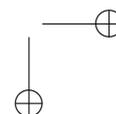
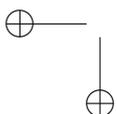
expressiva, se integra na «anima synphonialis» (Santo Agostinho) do Todo.

Esta erótica propensão dos seres para brincar e desfrutar da vida e que, como vimos, está presente em todas as criaturas, assume um eminente estatuto quando referida ao ser humano. Com efeito, o jogo protagonizado pelo actor humano tem a caracterizá-lo um certo engodo pelo lado oculto das coisas. O jogo, enquanto exercício prazenteiro de bisbilhotar o lado mágico do mundo, suscita o encantamento, o fascínio, a imersão no íntimo fabuloso das coisas – de tudo.

Deste modo, é a estrutura erótica, apetitiva e difusiva do próprio ser dos múltiplos seres que se postula, estrutura que implica o movimento recreativo (e recreativo) de si para o mundo com o qual se realiza em unidade.

O homem não cabe em si de tanto a si mesmo exceder – e este excesso constitutivo empurra-o para uma estrénuo busca de sentido que, de algum modo, o sossegue e equilibre no frenesi da dança criativa. Trata-se de provocar as coisas a ponto de tentar delas fazer brotar mais ser do que aparentam ser, como acontece, de resto, com toda a expressão artística – é essa nossa invencível relação com o lado misterioso e esdrúxulo do real que está na origem deste nosso irreprimível gosto pelo jogo, pela brincadeira, pela diversão. E se a este jogo o enquadrarmos institucionalmente para que possa ser socialmente vivível eis que temos o desporto como elemento constitutivo da própria acção humana, na sua demanda e aspersão de sentido. O desporto, assim entendido, adquire o estatuto de mediador demiúrgico, factor de simbolização e de autodescoberta, em última instância, de eminente catalisador de mais humanidade.

Quando, porém, este teor primicial de um prazer expansivo e irradiativo é ofuscado, quando não mesmo anulado, pela «razão de poder», pela artificialidade constringedora do lucro a todo o custo, o desporto esvai-se e dá lugar a outra coisa que de humano tem muito pouco ou nada.





## **O paradigma da gratuidade: o reino da criança**

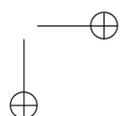
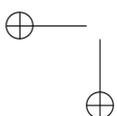
Toda a gente o diz a cada momento: «já não és nenhuma criança, tens que começar a levar a vida mais a sério», como se o modelo da verdadeira sabedoria humana estivesse no ictus de rígida severidade que o rosto tenso e franzido do adulto personifica. Paradoxalmente, não raro, se ouve o lamento: «que saudades que eu tenho do tempo em que era criança e brincava horas a fio sem nada a preocupar-me» Pois é: Claro que há coisas que só em crescendo se podem fazer, mas nada em crescidos fazemos de verdadeiramente gratificante se não o fizermos com espírito de criança: «o curso do mundo é uma criança que brinca e coloca as peças aqui e ali. É o reino da criança» (Heraclito).

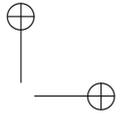
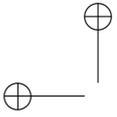
E eis como ao trabalho o podemos ver também como jogo, essa tarefa criativa enquanto irradiação genuína e expressiva da alma que (re) conhece, à boa maneira platónica. O trabalho grácil como expressão lúdica da alma humana – eis o que o jogo representa também.

O jogo é esse jeito gratuito de criar mundo, dando mais mundos ao mundo, que não pára, por sua vez, de ser criado – o jogo como tarefa de co-criação! Por isso é que morre quem perde o gosto pelo jogo, pela brincadeira – morre-se quando dentro de nós falece a criança que nos habita!

Precisamente porque jogar é permitir que aconteça sentido, o desporto que a partir desse jogo se organiza, perfila-se como exercício intencional e intensivo de desvelamento do mundo. Dever-se-á, pois, ver o desporto, na sua genuína gratuidade lúdica, como a expressão *poiética* (e, nesse sentido, como uma certa poética) do movimento que, assim, se investe nessa tarefa demiúrgica de dar sentido ao concerto sinfónico das coisas e no seio das quais o sujeito que joga visa integrar-se e, de algum modo, fundir-se.

Não se trata, porém, de um movimento transitivo de pura posse ou aquisição, sequer de conquista, dum mundo objectivado, mas,



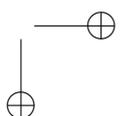
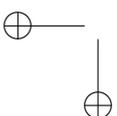


mais finamente, da autodescoberta identificativa, de verdadeira comunhão com esse mundo. E, nesse sentido, a brincadeira, o jogo, desempenha também uma certa função egofânica: a criança que, como tal, não pode deixar de brincar, vai-se, qual aparição, descobrindo nas coisas que descobre. Razão pela qual a criança mergulha incondicionalmente no objecto desse seu brincar, porque vive-se toda no acto maravilhoso da descoberta.

Por tudo isto, o exercício de socialização que o jogo supõe promove o crescimento maturante do *self*, num movimento simultaneamente identificativo com as coisas e diferenciador delas: é muito mais do que as coisas com que brinca, mas não seria quem é se não fossem essas coisas com que se diverte, como bem assinalou George Herbert Mead, ao apresentar o «interaccionismo simbólico» como forja do amadurecimento da própria personalidade da criança que, assim, incorpora os valores da sociedade em que se integra.

Daqui parece resultar claro que o direito a brincar e jogar (a praticar desporto) se confunde, em boa medida, com o direito fundamental à própria individualidade pessoal, porque é o reportório e o clima das nossas brincadeiras de infância que, em boa medida, determinam a pessoa que seremos no futuro. Mais até: não apenas o direito a jogar, mas a jogar de determinado modo, isto é, de praticar determinada modalidade desportiva, deveria constar entre o leque de direitos da cidadania. Porque a uma certa modalidade de expressão do corpo corresponde, sem dúvida, a imperativa liberdade de expressão da alma. Porque a ludicidade é a vivência do ser em movimento, e não tanto a vivência mortificante do *dever ser*, importa invocar a fundamentalidade do correspondente direito, muito aquém e além da positividade constrictiva de uma lei. Sim, que a lei vem quase sempre tarde de mais – ela vem quase sempre em socorro de um direito entretanto ameaçado ou de facto atacado.

Não há, portanto, qualquer dúvida que o jogo é o «reino da criança» por excelência – e como são criativas as crianças! É em





criar que elas se empenham o tempo todo, ao contrário do adulto que, tolhido pelo obsessivo desígnio do controlo racionalista, trava, quando não impede mesmo o fluxo criativo do universo. Na criança reina o *intellectus* ou seja, essa natural capacidade do coração de ler as coisas por dentro, ao passo que no adulto o que prevalece é a *ratio* que, arrogando-se o absoluto do pensar e do conhecer, o que visa é usurpar à própria vida que flui, o real poder de criar – eis a razão por que definham as sociedades organizadas a partir dos critérios bélicos e presunçosos dos adultos!

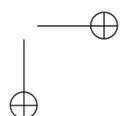
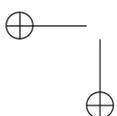
Eis também a razão por que o desporto, quando confinado à sua egótica lógica de poder, própria de uma razão absoluta, fica refém do desígnio bélico que, como se sabe, implica a pretensão da eliminação do inimigo – esta a razão próxima de toda a violência nos estádios.

A lógica do verdadeiro desporto é a relação agonística, a da adversitividade (adversário é alguém que está virado para mim e que comigo é basicamente cúmplice), mas nunca a lógica belicista da eliminação/destruição do outro.

Bem nos faria espreitar, uma vez mais, o exemplo da criança: ela, primeiro que tudo, brinca *com* e, só depois, brinca também *contra* alguém. Mas esse *contra* é tão-só o elemento promotor do *encontro* festivo com o outro e, afinal, consigo próprio: o outro vivido sobretudo como fruição (*jouissance* – Levinas).

Enquanto a criança cria porque *permite* gostosamente que a criação aconteça, sempre naquele seu edificante empenho na desocultação das coisas, o adulto julga presunçosamente poder criar forçando as coisas à sua própria bitola, certamente acanhada e míope, tentando usurpar o que à Vida cabe fazer – e fá-lo docemente, como bem sabem as crianças. Porque a ludicidade é, digamo-lo abertamente, o táxi da criatividade!

O desporto como expressão inviamente lúdica de um poder racionalista e exclusivista só pode ter um efeito – o da desumanização. Pelo contrário, o desporto que integre, na dose certa, os





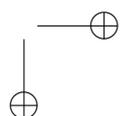
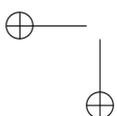
elementos lúdico e agonístico, num equilíbrio sadio («justo meio») entre a diversão e a competição, entre a descontração e a tensão, entre o prazer e o esforço, entre a fruição e a emulação, será sempre catalisador de mais humanidade. É, com efeito, no equilíbrio dos contrários que germina a síntese do homem novo e renovado.

Sejamos claros: A exclusiva mercantilização perfila-se como a ameaça letal para o desporto – o que daí sobrar já desporto não será, certamente. Porque a absolutização agonística da vitória a qualquer preço, expulsa do terreno de jogo o que preço não tem: o coração. E bem sabemos, com Pascal, que é no coração que moram as razões que a razão desconhece!

Um desporto mercantil vira guerra, porque nele impera a lei drástica do “tudo ou nada” e o seu lema é “Morte ou Glória”, ou, na expressão de Mussolini, “Vencer ou Morrer”, mas o desporto genuíno, que só desse jeito o pode ser, não se alimenta da disjunção, mas da inclusão: os vencidos são, ainda que inviamente, expressão e partícipes da nossa vitória, porque, num verdadeiro desporto, todos, afinal, saem ganhando – como também o sabem as crianças!

Porque a criança, contrariamente ao que vulgarmente se pensa, não brinca nunca ao “faz-de-conta”, esta, sim, a atitude típica dos adultos que trocam a realidade pela ilusão dos seus fantasmas. A criança entrega-se inteira à brincadeira que a absorve: ela brinca a sério! Sim, para a criança nada há de mais sério do que brincar.

Também para nós, adultos, brincar deveria continuar a ser a coisa mais séria: eis o paradigma de uma sábia e saudável relação do homem com a vida.





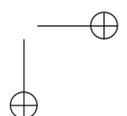
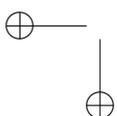
## O Desporto no feminino

É como aquela exótica e bizarra necessidade de instituir um dia internacional da mulher – como se sê-lo não fosse a coisa mais natural.

A verdade, porém, é que há toda uma história de subalternização e até de diabolização da condição de mulher, como se todos os males que têm apoquentado a humanidade tivessem a sua origem na conduta serpentina da Eva sedutora e tentadora, retratada no relato bíblico (*Gn 2-3*). E, em vez de nele se ver apenas uma alegoria etiológica da experiência dramática e paradoxal da própria humanidade, viu-se, com a cega pressa de se arranjar o bode expiatório do costume, a figuração literal de uma mulher venenosa e aliada do diabo e através de quem todos os males irrompem no mundo dos homens – como se o macho tivesse, no fim de tudo, ainda o crédito de invocar a sua condição de vítima às mãos da perfídia instigadora da fêmea.

E a sedimentação no imaginário colectivo foi mesmo a ponto de, na Idade Média e no Renascimento, por exemplo, «a parte da frente da serpente ser representada com rosto e busto de mulher» (Sousa, 2010)

E que dizer do tom de anátema, revelador de uma notória misoginia, presente em doutrinadores como Paulo ou Tomás de Aquino? Aquele: «Não permito que a mulher ensine ou que domine o homem; mantenha-se em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão e, depois, Eva. E não foi Adão a ser enganado, mas foi a mulher que, enganada, incorreu em transgressão» (*ITim*, 11-14). E eis como se postula uma espécie de “capitis diminutio” constitutiva da mulher, em contraste com um abusivo e ostensivo primado ontológico do homem. E nas palavras do piedoso frade dominicano: «Na tentação causada pelo diabo, a mulher tornou-se instrumento de queda do homem, porque a mulher é mais débil do que



o homem, por isso, mais fácil de enganar» (*Summa Theologiae*, II-IIq. 165, 2 ad1).

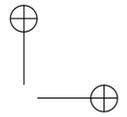
Não admira, por isso, que, na Idade Média, a excessiva profusão de seres humanos do sexo feminino fosse interpretada como sinal de maldição e como castigo pelos pecados passados e causa de pecados futuros: o lado luciferino da mulher como que libertava o homem para se entregar, sem freio, às suas predilectas tarefas do mando e da dominação – e a mulher que se contentasse com a sua condição de serva, de escrava!

Esta concepção depreciativa da condição feminina era, então, de tal modo generalizada e culturalmente arraigada, que os próprios cristãos incluíam no reportório das suas orações uma, muito sintomática, que se costumava rezar nas sinagogas: «Bendito Aquele que não me fez, nem estrangeiro, nem mulher, nem ignorante» (*Tos. Ber.* 18, 439).

Como sugestivo e exemplar é aquele episódio da Calipateira que, nuns jogos olímpicos, se disfarçara de treinador do seu filho, Pisidoro, e que, ao ver este cortar a meta em primeiro lugar, não resistiu ao entusiasmo e, ao saltar a vedação, denunciou a sua condição de mulher. Não fora a circunstância de pertencer a toda uma linhagem de campeões, de heróis olímpicos, e a sua audácia ter-lhe-ia custado a vida: livrou-se de ser atirada do alto de uma montanha, fronteira a Olímpia!

Mas se olharmos hoje para as meninas do voleibol dos EUA ou do Brasil, ou se observarmos, ainda, o ziguezaguear imparável e gracioso da Marta, considerada a melhor jogadora de futebol do mundo, teremos aí a distância percorrida neste longo caminho de libertação – e não só pelas mulheres, mas pela humanidade no seu conjunto. Porque quando acontece uma libertação todos se libertam: quem estava preso e quem, libertando, a si mesmo se liberta da necessidade de aprisionar!

Ou quando observamos o voo acrobático das elegantes saltadoras em altura, ou admiramos as esguias e entroncadas nadadoras



olímpicas, sempre numa escalada performativa de espantar! Hoje, nenhuma modalidade, por mais hercúlea ou exigente que pareça ser, está vedada à mulher – até boxe elas praticam com uma desenvoltura desarmante.

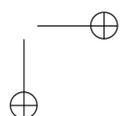
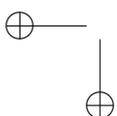
Perguntar-se-á, porém: movidas por quê? Por mimetismo? Pelo desejo de copiar padrões rivais, adoptados pelos homens? Querer provar que são tão capazes e fortes quanto eles? Ai delas, contudo, se o que as move for apenas o desejo revanchista do ajuste de contas histórico – seria ainda a reiteração da sua má consciência de uma pegajosa subalternidade que, assim, se tentaria exorcizar. Ninguém afirma a identidade própria copiando os padrões e critérios daqueles de quem pretende diferenciar-se: Insanável e trágica contradição!

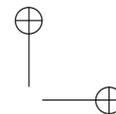
A libertação dá-se a partir de um novo estado de consciência dos seus actores – e a mulher, ao cabo de uma caliginosa experiência de uma servidão secular, despertou para uma nova consciência de si, uma consciência que começou por ser uma nova consciência do seu corpo – um corpo-próprio em que tudo se joga em ordem a uma feliz instalação no mundo.

A reconciliação da mulher com o seu corpo constitui, com efeito, uma das mais significativas conquistas da nossa civilização, ainda que seja notório que todos, homens e mulheres, nos revoltamos ainda com obsidiantes fantasmas maniqueístas.

Sem dúvida que «o soltar das amarras de um corpo aprisionado no alçapão da clandestinidade e a conseqüente tomada de consciência de um corpo, assim restituído à quotidianidade da vida, constitui um enorme passo na senda da unidade do humano, sem margens de culpa e de medo(...) Este moderno e augural reencontro da mulher com o seu corpo acarretou, de algum modo, a socialização do prazer, associado à expressão lúdica desse mesmo corpo» (Sousa, 2010).

Não se pense, contudo, que o caminho está limpo de ciladas e tentações, «a maior das quais, porventura, a de fazer do corpo,





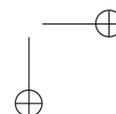
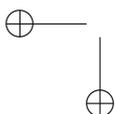
ginasticado e esbelto, um objecto de um míope e raquítico auto-comprazimento narcísico, ou instrumento de mera rentabilidade... cedendo ao fascínio encantatório e ubíquo do capitalismo sem alma e sem ética que acaba de pôr à deriva a maior economia do mundo e ameaça fazer implodir esta nossa civilização que julgou poder encontrar o céu metendo meio mundo no inferno. Um capitalismo assim e que, infelizmente, invadiu também e de forma quase obscena, todas as modalidades desportivas, tende a mercantilizar o desporto chamado de alta competição e a reificar os seus praticantes, considerando-os meras mercadorias» (Sousa, 2010).

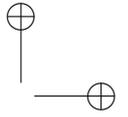
Mas se nos quisermos entreter no exercício de um balanço provisório desta gesta libertária da mulher havemos de convir que esta onda de democratização da prática desportiva no feminino tem, para já, o mágico efeito de acentuar a imagem identificativa da mulher e de melhorar, de forma revolucionária, de tão repentina, esse doce combustível de que todos andamos tão precisados – a autoestima.

Neste sentido, bem se pode afirmar que o exercício físico prazenteiro, a prática gratificante e, cada vez, mais rentável, do desporto tornou a mulher mais feliz – e, já se sabe, que a felicidade da mulher induz a própria felicidade do homem: todos, no fim de contas, nos sentimos gratificados perante o sorriso genuíno de uma mulher!

### **Um caso de transgressão e paixão: o futebol!**

Talvez seja uma boa ideia procurar no efeito de desconcerto, deslumbramento e surpresa causado pelo improvável padrão gestual do futebol a principal explicação para a sua explosiva e planetária popularidade.



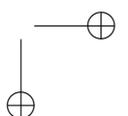
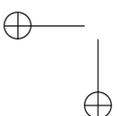


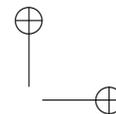
Como bem fazia notar Diógenes de Laércio, a mão humana constitui-se no «instrumento de cultura» por excelência. E não admira que assim seja uma vez que as nossas mãos são aquilo que o nosso cérebro e, mais apropriadamente ainda, o nosso coração tem mais à mão para executar e concretizar o teor da sua actividade intencional e amorosa, que é como nos empenhamos na nobre tarefa de semear sentido.

Ora, a surpresa reside justamente na ousadia transgressiva de deslocar o ponto de aplicação prioritária, se não mesmo exclusiva, da intencionalidade mediada pelas mãos para as outras extremidades, os pés, aos quais só a sua ajuda na locomoção lhes era reconhecida – mesmo o calçado é a peça de vestuário mas tardia, talvez por se considerar os pés a parte mais desprezível do corpo. De resto, creio poder-se detectar uma certa semântica depreciativa associada a toda uma simbólica negligenciável dos pés, em expressões vexatórias, muito usadas sobretudo em Portugal, tais como: «dar com os pés em alguém» ou «alguém levar com os pés...», denotando sempre uma situação de humilhante rejeição – como a jovem que dá com os pés no namorado: despedido sem apelo nem agravo!

Os pés, talvez por ser a parte do corpo que anda forçosamente em contacto com a terra e, nessa medida, ser percebida como a parte menos íntima de nós aparecem, portanto, como o instrumento menos natural e mais improvável de uma intenção criativa, centrada classicamente nas mãos: o sacerdote, o curandeiro, ambos impõem as mãos como forma de exercer sobre alguém um certo tipo de poder. Por alguma razão o pretendente pede a mão da filha ao pai para, a partir desse assentimento, lhe ser reconhecido um certo poder apropriativo sobre a donzela. Enfim, exemplos da nobreza expressiva das mãos é o que não falta – por contraste com o desdém associado à inadvertência dos pés, que para pouco mais servem do que para nos ajudar a andar!

Mas esta subalternidade cultural dos pés é flagrantemente des-





mentida pelo futebol: essa modalidade que faz baixar a inteligência, que parecia exclusivamente instalada no primeiro andar, para o rés-do-chão! O futebol, ao jogar-se com os pés, resgata-os de um estatuto de menoridade funcional e, com isso, é, de certo modo, o “homo habilis” que se expande: dá-se como que uma certa socialização da inteligência – uma inteligência em movimento!

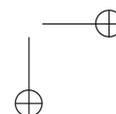
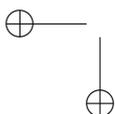
Ao fazer baixar a intencionalidade criativa, a inteligência habilidosa aos baixios, à zona mais pobre e rasteira de si, o homem que joga («homo ludens») descobre uma maneira óbvia e imprevisível de democratizar o talento, proletarizando-o: qualquer um pode, afinal, jogar e, mais ainda, jogar um jogo simples e excitante. Porquê? Porque quase de nada se necessita para isso – uma bola apenas, mesmo que seja de trapo – e a rua ou um descampado! Ou seja, um jogo que excita pela singeleza e por ser mínima a mediação instrumental que exige! Mais: são de tal modo simples as suas regras que um qualquer grupo de garotos no mais recôndito recanto de África ou da Ásia pode jogar à bola, a simplificada designação popular do futebol: a sua normatividade é extremamente simples e universalmente entendida. O futebol é um súbito fenómeno de linguagem gestual universal – o mais simples e o mais apaixonante.

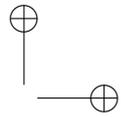
Mais acessível, desde logo, do que o basquetebol – que este só instalando uma tabelas e um cesto!

Mais que o andebol? Sim, que não é possível fazer saltar uma bola de trapo e não dá muito jeito jogar na lama, por exemplo. E por aí adiante...

Dito de forma sintética: o futebol é a paixão do povo – porque é simples, é barato e é divertido! E sobretudo: o futebol promoveu o acesso dos mais desvalidos à sublime arte do corpo! Passámos a ter artistas aos pontapés!

Não admira, por isso, que o futebol, esse fenómeno instantâneo de intercultural mimetismo, tenha germinado, sobretudo, a partir dos magotes de garotos das favelas ou das sanzalas africanas: o



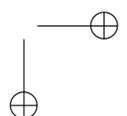
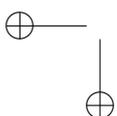


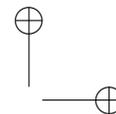
talento ao nível dos pés é um talento ao alcance de todos – e os garotos aproveitam o que mais a jeito lhes surge para brincarem!

Esta popularidade, porém, tornou-se também fonte de problemas: o poder – político, económico e dos média – não quis ficar de fora de tão poderoso meio de sedução e a arte de jogar à bola com os pés cedeu campo ao cálculo, à manha e ao manobrismo, visando garantir a todo o custo a vitória – a garantia de milhões!

Usando uma terminologia de Gilberto Freyre, Apolo tem tentado sobrepor-se a Dioniso – até o futebol mestiço do Brasil tem vindo a ceder ao desígnio mercantil e a acomodar-se a uma racionalidade mais «geométrica» do jogo, em prejuízo da sua matriz «mestiça» e intuitiva que parece cada vez em maiores dificuldades para se impor no moderno tabuleiro dos fabulosos interesses que invadiram os estádios – estádios que deixaram de ser o centro do evento desportivo! Com efeito, o espaço público do jogo foi dinamitado e imensamente amplificado através do audiovisual e o que foi, originariamente, um jogo eminentemente de multidões, isto é, de grupos de assistentes em êxtase e em loucura nas bancadas do recinto de jogo, passou a ser típico de massas: o espaço público do evento passou a ser privatizado por qualquer um, bastando para tal um clique em qualquer computador ou numa simples box. E com isto, são os servidores deste luxo ao domicílio, os operadores de televisão, que ditam as regras do jogo – cada vez com menos consideração pelo espectador heroico dos estádios.

Oxalá a próxima Copa do Mundo a realizar no Brasil, um país da arte quente de jogar, possa constituir um momento de regresso à paixão e ao desfrute do jogo – e que a arte mediada pelos pés possa sobrepor-se à manha e às jogadas de bastidores!





## O Futebol latino

E, a propósito de futebol brasileiro, deixem que eu partilhe uma verificação: nas meias-finais da mais recente Eurocopa, eram latinas as quatro selecções ainda em prova: Portugal, Espanha, França e Itália – curioso, não é?

E não me parece que a curiosidade da situação se deva apenas a uma caprichosa conjugação de dados aleatórios – não creio que tenha sido só porque calhou assim: calhou, mas algo houve que fez com que assim calhasse.

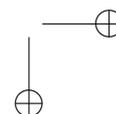
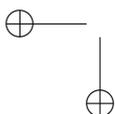
Porque o acaso que se quisesse invocar tem a condicioná-lo muitos elementos que não é sensato considerar como meramente casuais – de todo. A menos que consideremos mera casualidade o conjunto significativo de características idiossincráticas que moldam a alma dos diferentes povos.

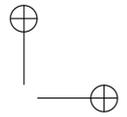
Contudo, se algo há de verdadeiramente interessante que mereça a atenção e estudo do antropólogo, do psicólogo, ou do sociólogo é isso mesmo – o que parece ser o desenho das almas ditado pela geografia.

A alma dos povos, que outra coisa não é do que o modo como eles se expressam, molda-se a partir dos bits de informação que circulam no sangue que lhes garante a vida.

São, com efeito, várias as teorias aventadas para tentar explicar este possível processo de configuração ético-cultural: desde as geográficas, com acentuação da hipótese climática (Ellsworth Huntington), passando pela teoria topográfica (Karl Ritter e Henry Thomas Buckle) ou a teoria dos movimentos de nómadas (Franz Oppenheimer). Nenhuma delas, contudo, é satisfatória o suficiente – como acontece, aliás, com todas as teorias.

Em qualquer caso, o código genético comporta-se como um *chip* informacional no qual se sedimentam e condensam rastros de memórias, de experiências, de modos únicos de viver, por ter sido assim, e não de um outro modo, que os antepassados, os «maiores»,





viveram. Cada alma colectiva, que integra aquilo a que Carl Gustav Jung chamou de «arquetipo», encarna um jeito único de ser gente, uma modalidade irrepitível, singular, do humano.

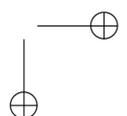
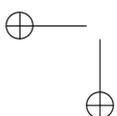
E é esta personalidade ôntica de cada povo que torna o diálogo intercultural numa espécie de metalinguagem do humano – e aí justamente o seu fascínio e a sua nobreza. Porque assim se acrescenta mais Homem ao homem que se é.

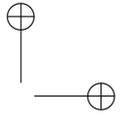
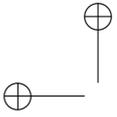
Há nisto, porém, uma curiosidade deveras interessante: embora as fronteiras formais, nem sempre físicas, representem a dimensão *elementar* (Eric Voegelin) da identidade jurídico-constitucional e, nessa medida, não se lhes nega um certo efeito delimitativo e vagamente diferenciador, a verdade é que há características transnacionais (ou que, nalguns casos, forjam, no plano *existencial*, uma Grande Nação, aquém daquilo em que cada unidade política se veio a tornar), características notoriamente transfronteiriças e, não raro, transcontinentais, e que tonificam e irmanam povos, juridicamente autónomos e distintos, mas com evidentes parecenças – no feitio e no modo de viver o mundo e a vida.

E uma delas é, no nosso caso, claramente a latinidade (e que, no caso especificamente brasileiro é, antes, uma afro-*latinidade*) – uma espécie de matriz tipológica ancestral que nos tempera a tanta gente espalhada pelo mundo, neste nosso tão especial gosto pelo lado lúdico, mas também trágico da vida.

A latinidade, essa herança de misturas e de encontros, que nos veio do fluxo migratório de sangue homérico, mas também de Epicuro, sangue amaciado depois pelo braço imperial mas acolhedor de Roma, fluxo que chegou até nós impulsionado pela rota das conquistas de quinhentos - e este itinerário global dos genes espalhou encanto e fascínio pela lua em terras onde só quase só o sol se venerava, como sugerem os rituais célticos do solstício de inverno.

E eis como se explica que, por esse mundo fora, em paragens fisicamente descontínuas e, não raro, longínquas, se nos imponha, hoje, um mundo singular de poesia, engenho, paixão e arte.





Parece evidente que nós, os latinos, embora diferentemente modulados pela confluência sincrética de outros sangues, designadamente, como vimos, o africano, somos, de um modo geral, mais chegados a Dioniso do que a Apolo. Mas isso não significa que nos tenhamos deixado tomar exclusivamente da embriaguez, da loucura, da histeria ou do desatino. Habita-nos a *hybris* grega, sem dúvida, mas também uma certa *ratio* de Virgílio, ou mesmo de Marco Aurélio. Apolo não nos é totalmente estranho, embora fosse desejável que mais vezes o invocássemos – mesmo assim, ele vai aparecendo, aqui e ali, para nos temperar os impulsos do sangue e manter minimamente alinhados com a norma – que é, paradoxalmente, por ela existir que nos comprazemos justamente a infringi-la.

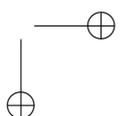
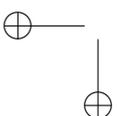
E o nosso futebol latino, o brasileiro obviamente também, diria mesmo que de um modo excelente, exhibe de forma surpreendentemente impressionante, esse combinado artístico de paixão e tino – de transgressão e de ordem, de errância criativa e de organização.

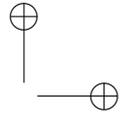
Sugiro, a este propósito, que se releiam, de Gilberto Freyre, algumas das páginas mais belas em língua portuguesa sobre o futebol-capoeira que, de modo tão singular se pratica *ainda* no Brasil.

Nesta Eurocopa a que me venho reportando, a Alemanha, por exemplo, era dada como uma das grandes favoritas: impressionava a eficácia do seu futebol, as suas combinações de laboratório, a sua força física. Mas os alemães sucumbiram aos pés de uma Itália, subitamente reerguida de uma espécie de sonolência – é assim o futebol latino: letal de tão imprevisível.

Como nestes últimos anos lhe estamos a incorporar conceitos de organização e de disciplina, este nosso futebol latino, podendo, aqui e ali, ter perdido algum fascínio, consegue tornar a arte natural dos nossos futebolistas muito mais rentável (sem se deixar transvestir!). Como o demonstra o Brasil, a Argentina (esta com algumas particularidades) e sobretudo a Espanha.

Da minha parte, faço profissão de fé no futebol latino, muito





mais difundido pelo mundo do que se possa pensar. Se o futebol fosse só cálculo e organização com certeza que não haveria tantos jovens doidos por este desporto: talvez fugissem dele como fogem da matemática!

### **Bibliografia**

- Agostino, Gilberto, (2002), *Vencer ou Morrer*, MAUAD, Rio de Janeiro.
- Caillois, R. (1990), *Os Jogos e os Homens*, Lisboa.
- Foer, Franklin (2006), *Como o Futebol Explica o Mundo*, Palavra, Lisboa.
- Henriques, M.C.(1994), *A Filosofia Civil de Eric Voegelin*, UCP, Lisboa.
- Huizinga, J. (2003), *Homo Ludens*, Ed. 70, Lisboa.
- Sérgio, Manuel (2011), *Filosofia do Futebol*, Primebooks, Lisboa.
- Sousa, José Antunes de, (2010), *Desporto em Flagrante*, Livros do Brasil, Lisboa.
- \_\_\_\_\_. *O Desporto Para além do Obvio*, ob. Col., Instituto do Desporto de Portugal .

